

# BENJAMIN PÉRET: INCORRUPTÍVEL E SEM FREIOS NA AVENTURA POÉTICA

Robert Ponge

Benjamin Péret nasce em 1899 no Oeste da França. Incorporado em 1915 na 1ª Guerra Mundial, é liberado da farda em 1920; está vivo, revoltadíssimo, e tem, no bolso, uma coletânea de poemas de Mallarmé que encontrou abandonada em uma estação ferroviária; sua leitura o encantou.

Ainda em 1920, encontra André Breton; permanecerá seu maior e fiel amigo até falecer. Participa ativamente do dadaísmo e, depois, da fundação do surrealismo. Destaca-se como um dos “mais integralmente tomados pelo novo espírito e dos mais rebeldes a qualquer concessão”, conforme o testemunho de Breton, o que o habilita a ser co-diretor dos três primeiros números da revista *La Révolution surréaliste*. Em 1926, junto com quatro outros surrealistas, torna-se membro do Partido Comunista Francês, que abandona rapidamente, decepcionado pelo regime e pela política stalinistas, para aderir ao trotskismo.

Em 1927, casa com a cantora lírica brasileira Elsie Houston. A partir de fevereiro de 1929, junto com Elsie, vive no Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro), onde participa de atividades com o grupo da *Revista de Antropofagia*. Quatro meses após o nascimento de seu filho, Geysler, é expulso do país, em dezembro de 1931, pela polícia de Getúlio Vargas devido a sua militância política. Em 1936, engaja-se nas milícias da República Espanhola contra a peste fascista de Franco. Em 1939, é mobilizado pelo exército francês e, em seguida, é preso por sua participação política; aproveita a débâcle de 1940 para fugir da prisão; consegue exilar-se no México, onde vive até 1948, quando volta à França. Sua segunda estadia no Brasil ocorre do verão de 1955 até o início de 1956, quando reencontra seu filho e desenvolve pesquisas sobre os costumes populares, os cultos afro-brasileiros e os índios da Amazônia.

Durante todos esses anos, de corpo presente na capital francesa ou separado de seus companheiros parisienses por milhares de quilômetros, continua a defender irrestrita e concretamente os ideais (liberdade, amor, poesia) e o grupo surrealistas, de cuja convivência a morte o separará em 1959.

Além de ter participado com escritos diversos em todas as revistas surrealistas desde a fundação do movimento até falecer, Péret publicou mais de vinte coletâneas de poemas e contos (*Le Passager du Transatlantique*, 1921; *Dormir, dormir dans les pierres*, 1927; *De derrière les fagots*, 1934; *Je ne mange pas de ce pain-là*, 1936; *Feu central*, 1946; *Air mexicain*, 1952; etc.), e vários ensaios, entre os quais, o polêmico e clarividente *Déshonneur des poètes* (1945); é ainda o autor de *Anthologie de l'amour sublime* (1956) e de *Anthologie des mythes, légendes et contes populaires d'Amérique* (1960, estava no prelo quando faleceu).

Octavio Paz, que julga sua obra poética ser “uma das mais originais e selvagens de nossa época”, salienta que Péret conseguiu permanecer “incorrupível” frente às pressões da vida moderna. Breton considerava que, de todos os surrealistas, Péret era aquele que se tinha “jogado sem freios na aventura poética”. Na aventura poética, política, mental, intelectual: na aventura da vida!